



O DESEMPREGO É A LEI: A REPRESENTAÇÃO DO DESEMPREGO NAS HQS DO JUIZ DREDD (1979-1985)

Unemployment Is The Law: The Representation Of Unemployment In The Judge Dredd Comics (1979-1985)

El Desempleo Es La Ley: La Representación Del Desempleo En Los Comics de Juez Dredd (1979-1985)

Lucas Silva de Oliveira¹

Resumo: Publicado originalmente em 1977 na revista britânica em quadrinhos *2000 A.D.*, o Juiz Dredd é o personagem em quadrinhos mais famoso do Reino Unido. Escrito por John Wagner e Carlos Ezquerra, Dredd foi concebido como uma sátira à retórica do Partido Conservador britânico. O personagem representou em suas páginas as críticas dos autores contra as políticas de segurança da Primeira-ministra Margaret Thatcher (1979-1990). Contudo, apesar do tom crítico e satírico com as políticas duras contra o aumento da criminalidade no Reino Unido, fruto de uma massiva crise econômica e política que tomou o país a partir da década de 1960, Dredd também serviu de veículo para as críticas dos autores contra as políticas econômicas de Thatcher que causaram um enorme impacto social no país. Entre 1979 e 1986, o desemprego no país foi massivo e era constante nas páginas dos jornais. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar as representações políticas contra as reformas econômicas de Margaret Thatcher e os Conservadores nas páginas das histórias do Juiz Dredd.

Palavras-chave: Juiz Dredd. História em Quadrinhos. Reino Unido. Margaret Thatcher. Neoliberalismo.

Abstract: Originally published in 1977 in the British comic magazine *2000 A.D.*, Judge Dredd is the most famous comic book character in the United Kingdom. Written by John Wagner and Carlos Ezquerra, Dredd was conceived as a satire on the rhetoric of the British Conservative Party. The character represented in its pages the authors' criticisms against the security policies of Prime Minister Margaret Thatcher (1979-1990). However, despite the critical and satirical tone with the harsh policies against the increase in crime in the United Kingdom, the result of a massive economic and political crisis that took over the country from the 1960s onwards, Dredd also served as a vehicle for the authors' criticism. against Thatcher's economic policies that had a huge social impact on the country. Between 1979 and 1986, unemployment in the

¹ Mestre em História Política pela UEM (Universidade Estadual de Maringá), Maringá, Paraná, Brasil. Atualmente, com bolsa Capes, é doutorando pela mesma universidade. E-mail: lucassuem@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2235691750831884>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3596-9941>.

country was massive and was a constant feature on the pages of newspapers. Therefore, this work aims to analyze the political representations against the economic reforms of Margaret Thatcher and the Conservatives in the pages of Judge Dredd's stories.

Keywords: Judge Dredd. Comic Books. United Kingdom. Margaret Thatcher. Neoliberalism.

Résumé: Initialement publié en 1977 dans le magazine britannique de bandes dessinées 2000 A.D., Judge Dredd est le personnage de bande dessinée le plus célèbre du Royaume-Uni. Écrit par John Wagner et Carlos Ezquerra, Dredd a été conçu comme une satire de la rhétorique du Parti conservateur britannique. Le personnage représente dans ses pages les critiques des auteurs contre la politique sécuritaire du Premier ministre Margaret Thatcher (1979-1990). Cependant, malgré le ton critique et satirique de la politique dure contre l'augmentation de la criminalité au Royaume-Uni, résultat d'une crise économique et politique massive qui a frappé le pays à partir des années 1960, Dredd a également servi de véhicule aux auteurs. ' critique. contre les politiques économiques de Thatcher qui ont eu un énorme impact social sur le pays. Entre 1979 et 1986, le chômage était massif dans le pays et faisait constamment la une des journaux. Ce travail vise donc à analyser les représentations politiques contre les réformes économiques de Margaret Thatcher et des conservateurs dans les pages des histoires du juge Dredd.

Mots-clés: Juge Dredd. Bandes dessinées. Royaume-Uni. Margaret Thatcher. Néolibéralisme.

Introdução

Publicado inicialmente em 1977 na revista de ficção científica em quadrinhos 2000 A.D., o Juiz Dredd é o personagem de quadrinhos mais famoso do Reino Unido. O personagem surgiu em um período conturbado da história recente do país. Entre o fim da década de 1960 e ao longo da década de 1970, o Reino Unido passou por um período atribulado com uma troca constante entre governos Trabalhistas e Conservadores, ambos incapazes de resolver a severa crise econômica que acometeu o país. Tanto a crise, como a incapacidade dos governos em resolvê-la gerou um aumento do desemprego, da criminalidade, aumento da imigração e da xenofobia e um sentimento de declínio nacional.

No plano doméstico, entre os anos de 1945 e 1980, o Reino Unido foi governado seguindo o chamado “Contrato Social”, isto é, a implementação e manutenção de políticas Keynesianas de bem-estar social criadas pelo Partido Trabalhista no imediato pós-guerra. Essas políticas ofereciam assistência social, seguro-desemprego, subsídios familiares e saúde universal, de modo que foram uma constante entre as diversas trocas de governo no país. Contudo, essas políticas foram abaladas pela crise econômica mundial que tomou de assalto o país no fim da década de 1960 e início da década de 1970. Especificamente, o Partido Conservador sob a liderança de Margaret Thatcher e guiado por políticas neoliberais, passou a

questionar essas políticas de bem-estar social. Segundo Andy Beckett (2009), “desde a Segunda Guerra Mundial, de comum acordo há décadas, o pior dos tempos ocorreu entre a eleição de Edward Heath em 1970 e a eleição de Margaret Thatcher em 1979” (BECKETT, 2009, p. 8, tradução nossa).

Ao mesmo tempo a Sociedade Monte Pèlerin ganhou visibilidade. Criada em 1947 e formada por filósofos e acadêmicos que se congregaram em torno do economista austríaco Friedrich von Hayek, que até então permaneceu à margem da política e da influência do mundo acadêmico, obteve respeitabilidade durante os conturbados anos da década de 1970. Seu reconhecimento veio quando Hayek e o estadunidense Milton Friedman, ambos economistas, ganharam o prêmio Nobel de Economia, gerando visibilidade para a teoria Neoliberal.

Ainda sobre a política interna britânica, de acordo com Earl Reitan (2003) as derrotas de governos Conservadores obrigaram uma reestruturação do Partido Conservador sob uma nova liderança de Margaret Thatcher. Quando Thatcher assumiu como líder do Partido Conservador, deu crédito ao seu amigo e mentor Keith Joseph, o responsável por preparar propostas políticas neoliberais para advogar em favor da redução do papel do governo e pró-Livre-Mercado. Assim,

Joseph adotou o “monetarismo” de Milton Friedman, economista da Universidade de Chicago. Friedman identificou a inflação como o problema mais crucial, pois agravou todos os outros. Ele propôs manter a oferta de moeda constante (com alguma tolerância para a inflação subjacente) e permitir que todos os ajustes econômicos fossem feitos pelas forças do mercado. Ele sustentou que a expansão monetária não poderia ser eficaz na redução do desemprego (exceto temporariamente), pois a inflação resultante apenas pioraria o desemprego. Por essa razão, o governo deve combater a inflação reduzindo seus gastos e empréstimos e contraindo a oferta monetária. As ideias de Friedman foram especialmente relevantes para a poderosa inflação e estagnação econômica (“estagflação”) que varreu a economia global na década de 1970 (REITAN, 2003, p. 34, tradução nossa).

Após uma sucessão de governos de ambos os partidos e crises insolúveis, em maio de 1979, Margaret Thatcher foi eleita como a primeira mulher para o cargo de Primeira-ministra. Segundo Harvey (2011), a eleição dela estava ancorada na firme obrigação de reformar a economia, pois “Thatcher reconhecia que isso significava nada menos que uma revolução em políticas fiscais e sociais, e demonstrou imediatamente uma forte determinação de acabar com

as instituições e práticas do Estado social-democrata que se consolidara no país a partir de 1945” (HARVEY, 2011, p. 31).

No poder, tanto Thatcher conduziu seus governos e suas políticas baseadas no Neoliberalismo. Segundo David Harvey (2011), o Neoliberalismo é

em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano pode ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livres mercados e livre comércio. O papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas (HARVEY, 2011, p. 12).

Segundo Wendy Brown (2019), o Neoliberalismo é comumente associado a um “conjunto de políticas que privatizam a propriedade e os serviços públicos, reduzem radicalmente o Estado social, amordaçam o trabalho, desregulam o capital e produzem um clima de impostos e tarifas amigável para investidores estrangeiros” (BROWN, 2019, p. 28). Em todo caso, no âmbito econômico o Estado tem de garantir a qualidade e a integridade do dinheiro (HARVEY, 2011) e “deve também estabelecer as estruturas e funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedade individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados” (HARVEY, 2011, p. 12). Em última instância, o autor afirmou que

na medida em que julga a troca de mercado “uma ética em si capaz de servir de guia a toda ação humana, e que substitui todas as crenças éticas antes sustentadas”, o neoliberalismo enfatiza a significação das relações contratuais no mercado. Ele sustenta que o bem social é maximizado se se maximizam o alcance e a frequência das transações de mercado, procurando enquadrar todas as ações humanas no domínio do mercado (HARVEY, 2011, p. 13).

Em suma, o Neoliberalismo preconiza a diminuição do Estado em todos os níveis, a privatização dos serviços públicos, o individualismo em contrapartida à coletividade, a busca incansável pelo lucro e sucesso profissional, uma economia de mercado que terceiriza, flexibiliza e precariza o trabalho, implantando a ideia de que a pessoa pode ser chefe dela mesma e, caso não consiga, ela é a única culpada por seu fracasso.

Já sobre o personagem do Juiz Dredd, ele foi criado por John Wagner, um autor anglo-estadunidense, e desenhado por Carlos Ezquerra, um artista espanhol radicado no Reino Unido. Dredd foi concebido como uma sátira à retórica de Lei e Ordem do Partido Conservador, que

trouxe para si a discussão de repressão ao aumento da criminalidade que acompanhou a deterioração da crise econômica que assolou o país ao longo da década de 1970. Em seu universo ficcional, Dredd é juiz de uma megalópole chamada Mega-City Um, uma gigantesca cidade em que vivem 800 milhões de pessoas, assolada pelo desemprego e pela criminalidade. A cidade é tão populosa que as pessoas vivem em estruturas gigantescas, arranha-céus superpopulosos chamados *City-Block*, um prédio-cidade em que vivem ao todo 60 mil pessoas. Os moradores desses prédios vivem e morrem sem nem mesmo sair das estruturas, pois todas as características sociais de uma cidade estão presentes nesses locais. Os autores pensavam que o futuro das moradias estaria em prédios gigantescos que abrigariam uma grande quantidade de pessoas, onde haveria a disseminação de pobreza e, conseqüentemente, do crime.

Tudo o que separa os cidadãos da cidade do completo caos são os Juizes: uma força de policiamento ostensivo com o poder de policiamento e julgamento de criminosos no ato. Dredd é o mais durão deles e ele representa a encarnação do Sistema Judicial. Apesar de representar o aspecto repressivo da retórica Conservadora presente no Reino Unido, as histórias do Juiz Dredd tratam de outros temas. Além da criminalidade, da Guerra Fria e da ficção científica, os autores escreveram histórias cujo o elemento central era o desemprego presente em Mega-City Um. Como veremos, o desemprego é importantíssimo para entender a dinâmica narrativa do personagem, como também é uma representação dos anos em que Thatcher foi mais enfática no empreendimento de políticas neoliberais.

Para analisar a maneira como os autores criticaram as políticas neoliberais de Thatcher, usaremos o conceito de Representação formulado por Roger Chartier (1990). Esse conceito, segundo o autor, serve para que o historiador possa “[...] identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 16-17). Assim, as histórias em quadrinhos podem ser vistas não como simples representações da realidade, mas também como meios para divulgar determinadas ideias e valores, relaciona-se com o conceito formulado pelo historiador. Através desse conceito, também, o autor busca oferecer aos historiadores a possibilidade de um novo objeto de análise:

as representações do mundo social que, à revelia dos atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse (CHARTIER, 1990, p. 19).

Dessa forma, este texto tem como foco a análise da relação entre personagem do Juiz Dredd, seu universo e a crítica às políticas neoliberais de Thatcher que resultaram em uma piora dos índices de desemprego no Reino Unido. Para tal, analisamos algumas das histórias de Dredd lançadas entre os anos de 1979 e 1985, cujo tema do desemprego é central. Nossas fontes fazem parte de duas publicações periódicas: a revista de ficção científica em quadrinhos *2000 A.D.*, em que cada edição é conhecida como *prog*, pois por se tratar de uma antologia, cada número da revista trazia histórias separadas e não necessariamente conexas entre si ou com outros números; e as tiras publicadas no jornal britânico *Daily Star*.

Maggie no poder: o Juiz Dredd, Desemprego e o governo Thatcher (1979-1985)

Margaret Thatcher chegou ao poder em um momento em que a sociedade britânica percebia, com ou sem razão, um colapso social e econômico eminente, resultando em uma angústia generalizada por parte da população. Nesse período, o cenário era de inflação, aumento da criminalidade, do desemprego e de um sentimento de declínio nacional. Ao ser eleita como Primeira-Ministra, Margaret Thatcher reforçou, seu compromisso com a diminuição do papel do governo, responsabilidade fiscal, dureza no combate ao crime e a desordem pública e um forte sentimento patriótico. Segundo Reitan (2003):

Thatcher declarou sem rodeios que seu objetivo era restaurar o orgulho e o vigor de uma nação em declínio. Ela se via como uma agente de mudança – uma “política convicta” sem nenhum interesse em tentar reviver o consenso fracassado do passado. Ela decidiu virar a revolução trabalhista de 1945-1951 de cabeça para baixo: em vez de uma economia planejada, uma economia de mercado; em vez da indústria nacionalizada, a livre iniciativa; em vez de sindicatos fortes, poder sindical limitado; em vez de um estado de bem-estar ampliado, um corpo de serviços públicos eficientes e econômicos (REITAN, 2003, p. 44, tradução nossa).

No início de seu governo, o inimigo imediato era a inflação. Thatcher assumiu o governo com o efeito das crises econômicas anteriores a ela, advindas dos governos Conservadores e Trabalhistas. Apesar do manifesto de governo dizer que a busca pelo controle da inflação “com metas publicamente declaradas para a taxa de crescimento da oferta monetária” (TURNER,

2010, p. 29, tradução nossa), isso nunca ficou inteiramente claro para a população. Assim, segundo *Alwyn W. Turner (2010)*:

Em vez disso, a política [econômica] passou a ser vista principalmente pelo público como envolvendo menor imposto de renda, um mercado livre, nenhuma intervenção estatal para ajudar a indústria e cortes nos gastos públicos. Foi uma interpretação que Thatcher incentivou ativamente, com uma retórica destinada a apelar à dona de casa, usando o que ela chamava de “as homilias da arrumação, as parábolas da sala de visitas” (TURNER, 2010, p. 29, tradução nossa).

Ao assumir o governo, Thatcher herdou os problemas já decorrentes de administrações anteriores, entre eles o principal: o desemprego. Nesse cenário, segundo *Reitan (2003)*, “a inflação atingiu o pico em 1980 em 21%, e o Produto Nacional Bruto caiu. O desemprego era de 1,3 milhão em 1979 e mais de 2 milhões em 1981” (REITAN, 2003, p. 46, tradução nossa). Esse aumento considerável do número de desempregados pode ser observado em *Juiz Dredd*, mais especificamente nos progs #118 – *City Block 2*, publicado em junho de 1979.

Figura 1 – A primeira menção ao desemprego



Fonte: 2000 A.D., Prog #0118, 1979.

Na edição #118, John Howard (1979)² afirmou que “no início do século 22, apenas 13% da população de Mega-City tinha trabalho. Isso criou sérios problemas nos vastos bairros que abrigavam os 800 milhões de habitantes da cidade...” (HOWARD, 1979, p. 2, tradução nossa). Como é possível observar na figura acima, os sérios problemas nos vastos bairros era a constante tensão entre uma população desempregada e a automação que tomou grande parte dos trabalhos da cidade. Assim, no segundo quadro os homens destruíram um robô para ocupar seu lugar para que pudessem trabalhar.

² John Howard era um dos pseudônimos de John Wagner, criador do personagem. Entre os outros nomes utilizados pelo autor, estão T. B. Grover, Ron Clark, Rick Clark e F. Martin Candor.

Com apenas 104 milhões de pessoas com emprego, a população a muito acostumada com a falta de trabalho, não conseguia se ajustar ao aumento das horas ociosas. No prog #0026 – *Dream Palace*, datado de agosto de 1978, por exemplo, é dito que as pessoas trabalham não mais do que duas horas por dia e, para atender o aumento do tempo de “lazer” da população, Mega-City Um tinha lugares onde pessoas pudessem ir para passar o tempo sonhando. De qualquer forma, longe de ser resolvida, a situação piorava a cada dia com a substituição de mão-de-obra humana por máquinas. Dessa forma, como afirmou Hobsbawm (1995), entre o fim de 1970 e durante a década de 1980,

o número de trabalhadores diminuiu relativamente, absolutamente e, em qualquer caso, rapidamente. O crescente desemprego dessas décadas não foi simplesmente cíclico, mas estrutural. Os empregos perdidos nos maus tempos não retornariam quando os tempos melhoravam: não voltariam jamais. [...] O desempenho e a produtividade da maquinaria podiam ser elevados constantemente, e para fins práticos interminavelmente pelo progresso tecnológico, e seu custo, dramaticamente reduzido (HOBSBAWM, 1995, p. 403).

Segundo o autor, a melhor maneira de ilustrar as consequências dos problemas econômicos das Décadas de Crise – como foi chamado por ele as décadas de 1960 e 1970 –, é que “a tendência geral da industrialização foi substituir a capacidade humana pela capacidade das máquinas, o trabalho humano por forças mecânicas, jogando com isso as pessoas para fora dos empregos” (HOBSBAWM, 1995, p. 402). Da mesma maneira, no universo de Dredd os níveis de desemprego levavam os cidadãos a cometer os mais diversos tipos de ações, seja para sobreviver, seja para ocupar a mente; esses mesmos índices, também, provocam uma enorme tensão social entre humanos e máquinas. Ataques à robôs eram constantes medidores de revolta social pelo desemprego, como visto acima. Porém, a substituição da força de trabalho humana por robôs pode ser observada na figura a seguir, em que podemos ver um segurança sendo substituído por um robô e desesperado por ficar desempregado.



Figura 2 – A substituição de mão-de-obra



Fonte: 2000 A.D., Prog #0118, 1979. p. 19.

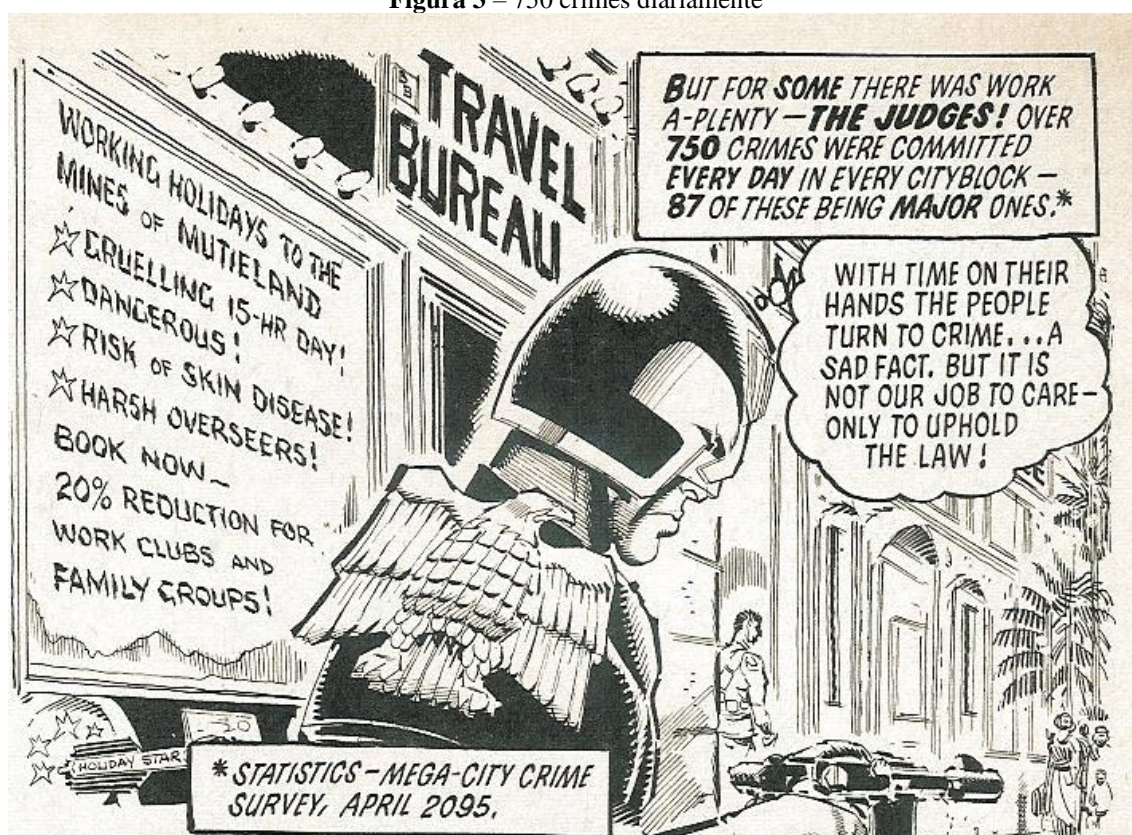
Longe de ser resolvida, a situação piorava a cada dia com a contínua substituição da mão-de-obra humana por máquinas. Na imagem acima, continuação da figura 1, observamos as pessoas destruindo alguns robôs para ocuparem-se do trabalho que estavam realizando no *City-Block*, pois assim finalmente teriam um trabalho a fazer. Um dos homens que destruíram os robôs, disse: “Caramba! Estamos trabalhando! Estamos realmente trabalhando!” (HOWARD, 1979, p. 3, tradução nossa). No quadro seguinte, um juiz sentenciou os homens a seis meses por destruírem aqueles robôs; o homem respondeu: “Não me importo, valeu a pena! Farei a mesma coisa quando sair! Você nunca vai me impedir de trabalhar!” (HOWARD, 1979,

p. 3, tradução nossa). Ou seja, a crítica era que o Estado (representado pelos juízes, pois não fica claro se é Dredd) estava impedindo aqueles homens de trabalharem.

No quadro seguinte, podemos observar o momento que um segurança perde o emprego. Segundo o robô: “seu último dia, Arnold. Foi um prazer treinar com você. Em nome da gerência, gostaria de dar-lhe este relógio” (HOWARD, 1979, p. 3, tradução nossa). Arnold, por sua vez, diz: “Há trinta anos sou zelador de seu prédio. Eu só não sei o que vou fazer. Você não acha que eu poderia descer às vezes e... te ajudar?” (HOWARD, 1979, p. 3, tradução nossa). Na página seguinte, o robô diz que o humano é muito ineficiente e teria de procurar um Conselheiro de Lazer (pessoas contratadas em todos os *City-Blocks* para ajudar residentes desempregados com a nova rotina – uma tarefa perigosa, pois lidavam com pessoas tensas e sem nada a perder).

Apesar da falta de emprego para a grande maioria da população, os juízes estavam sobrecarregados: segundo Howard (1979), 750 crimes eram cometidos diariamente dentro de cada bloco.

Figura 3 – 750 crimes diariamente



Fonte: 2000 A.D., Prog #0118, 1979. p. 4.

Acima, Dredd disse: “com o tempo em suas mãos as pessoas se voltam para o crime... um fato triste. Mas não é nosso trabalho se importar – apenas garantir a lei!” (HOWARD, 1979, p. 4, tradução nossa). Dredd culpou as próprias pessoas por recorrerem ao crime com seu tempo livre, isentando o regime dos juízes ou a própria cidade e suas situações degradantes. Curiosamente, na parte esquerda da imagem, podemos notar uma “oportunidade de trabalho”, na qual destacou: “Working Holidays nas minas das terras mutantes 15 horas cruéis diárias! Perigoso! Risco de doença de pele! Supervisores severos! Reserve agora – Redução de 20% para clubes de trabalhadores e grupos familiares!” (HOWARD, 1979, p. 4, tradução nossa). Ou seja, muito provavelmente o autor quis usar um anúncio com oportunidades absurdas, na qual narra um trabalho semiescravo justamente para criticar a precarização do trabalho.

Figura 4 – “Não tínhamos nada para fazer”



Fonte: 2000 A.D., Prog #0118, 1979. p. 20

Voltando a esse pensamento de Dredd de que as pessoas tinham o tempo livre e preferiam cometer crimes pode ser observado, também, na figura acima. Com a informação provida sobre os 750 crimes diários, Dredd consegue impedir que três homens fujam com um dinheiro que roubaram de um banco dentro do bloco. Algumas coisas podem ser observadas nesses três quadros: 1) Dredd não usou força letal. No primeiro e segundo quadros, ele desarmou e feriu os homens, mas não os matou, algo que ele fez bastante ao longo de seus 47 anos de publicação; 2) no segundo quadro, um dos garotos, residente do prédio, reconheceu o

homem como um dos moradores do nível 244, ou seja, ele residia no prédio e roubou um banco local. Isso denota uma ideia de que o crime está mais próximo do que se imagina; 3) no terceiro quadro, a emissora de TV do bloco chegou para entrevistar os homens. Ao perguntarem o porquê fizeram aquilo, um deles disse: “nossa, não sei. Não tínhamos mais nada para fazer” (HOWARD, 1979, p. 4, tradução nossa); 4) a forma como Dredd conclui as ações tomadas pelos homens. Segundo ele: “Eles ficam entediados, então eles decidem desistir de um trabalho – agora eu ouvi de tudo!” (HOWARD, 1979, p. 4, tradução nossa).

Tanto as figuras 3 como a figura 4, mostram Dredd culpando as próprias pessoas pelas suas ações não importando o motivo, de forma que escolheram passar seu tempo livre cometendo crimes. O neoliberalismo é o pilar da meritocracia, de modo que as pessoas fazem escolhas ruins porque querem. Se dirigindo à oposição no *Gabinete das Sombras*³, *Keith Joseph disse que* “as ideias socialistas atribuem o crime, por exemplo, em grande parte a condições sociais além do poder do indivíduo – portanto, isentando-o de responsabilidade e até pintando-o como vítima” (UNITED KINGDOM, Shadow Cabinet, 1976, p. 2, tradução nossa). Além disso, o neoliberalismo possui uma perspectiva de liberdade definida por David Harvey (2011) como: “o significado de liberdade se torna tão contraditório e frágil quanto são estimulantes suas injunções a agir” (HARVEY, 2011 p. 45). Segundo este autor, há dois tipos de liberdade, ou seja, um bom e outro ruim:

a liberdade de explorar o seu semelhante ou a liberdade de obter ganhos extraordinários sem prestar um serviço comensurável à comunidade, a liberdade de impedir que as invenções tecnológicas sejam usadas para o benefício público ou a liberdade de obter lucros de calamidades públicas secretamente planejadas para vantagens privadas (HARVEY, 2011, p. 45).

O autor afirmou que nessa mesma sociedade de economia de mercado é a mesma em que floresceram liberdades que valorizamos muito, como a “liberdade de consciência, liberdade de expressão, liberdade de reunião, liberdade de associação, liberdade de escolher o próprio emprego” (HARVEY, 2011, p. 45). O autor afirma que a passagem para um futuro de liberdades está bloqueada por um “obstáculo moral”, fruto do utopismo liberal. Assim, citando Karl Polanyi, ele afirma:

³ Na dinâmica política britânica, cuja forma de governo segue o sistema parlamentarista, o Gabinete das Sombras é um espelho do governo eleito, mas dirigido pela oposição, com ministros análogos aos ministros que compõem o verdadeiro governo. Assim, a oposição pode monitorar as políticas que cada ministério propõe.

o planejamento e o controle estão sendo atacados como a negação da liberdade. O livre empreendimento e a propriedade privada são declarados vitais para a liberdade. Afirma-se que nenhuma sociedade com fundamentos que não estes merece ser considerada livre; a liberdade que a regulação cria é denunciada como não-liberdade; a justiça, a liberdade e o bem-estar que oferece são reduzidos a camuflagem da escravidão (HARVEY, 2011, p. 46).

Dessa forma, haveria uma liberdade plena para aqueles que não precisassem de uma melhoria na sua renda, tempo livre e segurança e um verniz de liberdade para o povo. Como afirmou Harvey (2011), “o utopismo liberal ou neoliberal está fadado à frustração pelo autoritarismo ou mesmo pelo fascismo declarado. Perdem-se as boas liberdades e as más liberdades assumem o controle” (HARVEY, 2011, p. 46). Assim, segundo Dredd, apesar de terem a liberdade de escolherem fazer qualquer coisa com seu tempo livre, elas escolhem cometer crimes e não importa o que as levou a fazê-lo, desde que tenham feito essa escolha. Afinal, “a teoria neoliberal sustenta convenientemente que o desemprego é sempre voluntário. O trabalho, diz o argumento, tem um ‘preço de reserva’ abaixo do qual prefere não trabalhar. O desemprego surge porque o preço de reserva do trabalho é demasiado alto” (HARVEY, 2011, p. 63). Ao fazerem essa escolha, na visão neoliberal, eles falharam, pois

É justo nesse contexto de redução de recursos pessoais advinda do mercado de trabalho que a determinação neoliberal de devolver toda responsabilidade por seu bem-estar ao indivíduo tem efeitos duplamente deletérios. À medida que reduz os recursos dedicados ao bem-estar social e reduz o seu papel em áreas como a assistência à saúde, o ensino público e a assistência social, que um dia foram tão fundamentais para o liberalismo embutido, o Estado vai deixando segmentos sempre crescentes da população expostos ao empobrecimento. A rede de seguridade social é reduzida ao mínimo indispensável em favor de um sistema que acentua a responsabilidade individual. Em geral se atribuem os fracassos pessoais a falhas individuais, e com demasiada frequência a vítima é quem leva a culpa! [sic] (HARVEY, 2011, p. 86).

Mais adiante a questão do desemprego apareceu em outros traços do universo do personagem, como os progs #0206-207 – *Unamerican Graffiti*, ambos publicados em abril de 1981. Na história, acompanhamos o jovem Marlon Shakespeare em sua busca por um significado em sua vida através da pichação. No começo do prog, Dredd organizou uma campanha para prender os jovens pichadores que estariam vandalizando os muros de Mega-City Um. A história, também, tratou sobre a criminalidade juvenil, afinal como podemos ver

nos dois primeiros quadros da figura 5, Dredd prendeu os menores infratores sem remorso. Ao ser perguntado por um colega o que levaria as crianças decentes e normais virarem pichadores, Dredd respondeu: “tédio, perspectivas ruins, falta de autoexpressão – os **caras da PSI** [um dos setores do Departamento de Justiça] têm muitas palavras para isso – Nossa única preocupação é a Lei, Churchill – e a **Lei diz para eliminá-los**” (WAGNER; GRANT, 1981, p. 17, tradução nossa). Enquanto disse isso, pelo menos dez crianças eram presas e levadas para um veículo.

Figura 5 – Desemprego como matéria escolar



Fonte: 2000 A.D., Prog #0206, 1981, p. 17

Acima, no segundo quadro, observamos uma classe com vários adolescentes durante uma aula sobre desemprego. Segundo os autores, “a causa das pichações eram óbvias. Com 87% da população de Mega-City Um sem trabalho, o desemprego era uma disciplina obrigatória em todas as escolas da cidade” (WAGNER; GRANT, 1981, p. 17, tradução nossa). Além de ser um assunto compulsório, o professor ainda reforçou: “as chances de alguém desta classe conseguir um emprego são praticamente nulas. Portanto, a questão permanece – o que fazer com o seu tempo?” (WAGNER; GRANT, 1981, p. 17, tradução nossa). Ou seja, a questão do tempo livre novamente é ponto central para a discussão sobre desemprego em Mega-City Um, desta vez com o professor oferecendo “alternativas”.

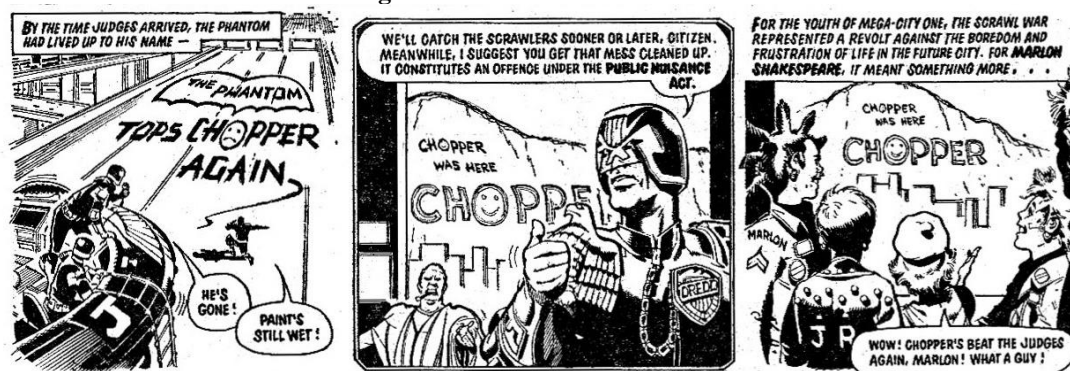
Na lousa, é possível observar cinco pontos sobre o ensino do desemprego: “Quantificar objetivos: 1. Encontrar um emprego (improvável); 2. Mantenha-se ocupado; 3. Evite as ruas. 4. Mantenha-se longe de problemas. 5. Encontre um hobby” (WAGNER; GRANT, 1981, p. 17, tradução nossa). Com a primeira alternativa fora de questão, todas as outras quatro são direcionadas à liberdade dos cidadãos de se manterem ocupados ou fora de problemas. Dessa forma, se seguissem esses objetivos, muito provavelmente não “escolheriam” o caminho do crime, portanto, não seriam presos e falhariam.

Segundo Earl Reitan (2003), durante o período de alta inflação e de desemprego, a rede de segurança do estado de bem-estar social no Reino Unido se manteve. Apesar de ganhar a reputação de hostil aos programas sociais, Thatcher não conseguiu implementar suas políticas neoliberais contra sistema de seguridade social, em especial o NHS e as escolas, não por falta de vontade, mas sim porque a própria população foi contra. Assim,

programas de treinamento para jovens foram introduzidos para ajudá-los a se preparar para o mundo do trabalho em mudança. Em alguns casos, o treinamento foi um investimento valioso no futuro; em outros, os programas podem ter feito pouco mais do que manter jovens inquietos fora das ruas, uma conquista de alguma utilidade social (REITAN, 2003, p. 50, tradução nossa).

Ainda na figura 5 observamos Marlon Shakespeare (uma clara referência ao famoso escritor inglês), personagem esse que em edições subsequentes de histórias de Dredd na *2000 A.D.*, se tornou um dos maiores dissidentes do regime dos juízes. Acima, é possível ver o garoto sendo reprimido por seu professor por não prestar atenção na aula. Além disso, o professor afirmou que ele precisaria prestar atenção, já que se tratava de seu futuro.

Figura 6 – A revolta contra o tédio



Fonte: 2000 A.D., Prog #0207, 1981, p. 16.

Conforme o prog avança, descobrimos que Marlon não tinha nenhum interesse além de pichar, pois não tinha nenhuma perspectiva de futuro com a taxa de desemprego tão alta. Assim, como podemos observar na figura 6, o garoto iniciou uma guerra de pichação com alguém que depois é revelado ser um robô que também havia perdido sua perspectiva de vida. Em outras palavras, como afirmaram os autores, “para os jovens de *Mega-City Um*, a guerra de pichações representou uma revolta contra o tédio e a frustração da vida na cidade do futuro. Para Marlon Shakespeare, significava algo mais...” (WAGNER; GRANT, 1981, p. 16, tradução nossa). O que é claro é que o “algo mais” significava que o garoto seria conhecido e respeitado, como é possível observar no último quadro, de modo que sua vida ganharia propósito: as outras crianças olham com admiração para sua arte enquanto afirmam que Chopper, o pichador (que na verdade é Marlon), derrotou novamente os juízes e colocou sua marca na cidade.

O prog *Unamerican Graffiti* é uma sátira ao filme *American Graffiti*, dirigido por George Lucas e lançado em 1973. Na história, quatro adolescentes aproveitam os últimos dias das férias de verão antes de iniciarem sua vida adulta. A história do prog contrasta com a história do filme, pois enquanto o filme mostrou adolescentes vivendo uma vida idílica de curtição e aproveitando sua adolescência, o quadrinho mostrou o oposto em que adolescentes eram oprimidos e careciam de um senso de propósito e futuro em um regime autoritário. Dessa forma, além da questão do desemprego estrutural, esses progs tratam do impacto da falta de perspectivas e como isso pode afetar o futuro da juventude. Como explicou Mark Dapin (2013) em um artigo de opinião para o jornal australiano *The Sydney Morning Herald*, o autor oferece um relato sobre sua juventude no Reino Unido de Margaret Thatcher, que disse:

Quando você nunca trabalhou, você começa a acreditar que nunca poderia trabalhar, e isso é apenas um pequeno passo para concluir que você provavelmente não pode fazer nada. Quando não há empregos de qualquer maneira, isso começa a parecer que não é uma grande desvantagem e, eventualmente, suas ambições podem desaparecer sob uma nuvem de cinismo defensivo e resignação desafiadora. Eu nunca tinha trabalhado em um emprego fixo até vir para a Austrália e, olhando para trás, eu ainda era uma criança. É o desemprego que mais atrapalha seu crescimento do que aceitar benefícios, e é por isso que digo que não cresci (DAPIN, 2013, tradução nossa).

De acordo com Paul Harrison (1983) no livro *Inside the Inner City*, o desemprego “atingiu os jovens com mais força do que qualquer outro grupo”. As circunstâncias criadas pelo Thatcherismo “parecia concebido especificamente para causar o máximo dano social: alienar uma grande minoria de adolescentes e criar uma geração amargurada que provavelmente nunca recuperaria o terreno perdido”. “Nunca”, argumenta Harisson (1983), “a distância entre os desejos juvenis e a realidade foi tão grande” (HARRISON, 1983, p. 125-126, tradução nossa). Isso pode claramente ser observado nos progs #0206-207 – *Unamenrican Graffiti*.

O desemprego era tão desesperador que em 1981, dois jovens desempregados de 19 anos, Graeme Rathbone e Sean Grant, cometeram suicídio juntos no verão. Em uma nota de suicídio, escreveram:

Tudo o que os adolescentes precisam fazer é ficar nas esquinas, sendo perseguidos pela polícia que pensa que você está tramando alguma coisa. Do jeito que este país está indo, ninguém conseguirá emprego. É por isso que os jovens estão se voltando para o crime e a violência. O que mais resta? Não temos muito tempo de vida agora. Mas aconteça o que acontecer conosco, não importa. É pelo resto de vocês que sentimos pena. A Terra vai acabar com um grande estrondo (UPI ARCHIVES, 1981, tradução nossa)⁴.

Segundo Turner (2013), a mãe de um dos garotos foi entrevistada após o ocorrido e ela relatou que seu filho havia se tornado cada vez mais recluso. Em uma oportunidade, quando o questionou por que ficava sentado em casa o dia inteiro e não saía, ele respondeu: “Bem, não há para onde ir, mãe. Não há empregos, não há dinheiro, não há nada para fazer. Você simplesmente anda para cima e para baixo na rua. É a mesma coisa todos os dias” (TURNER, 2013, p. 114, tradução nossa). Segundo o autor, a história dos jovens inspirou Mike Leigh a escrever um de seus filmes mais depressivos, *Meantime*, que é centrado na relação de dois irmãos desempregados de East End, em Londres.

No início de seu governo, Thatcher não fez nenhum esforço para restaurar o pleno emprego através de subsídios de indústrias a beira da falência. Essa era uma política Trabalhista

⁴ Fonte: Two teenagers, lifelong friends who were despondent because they.... Disponível em: <https://www.upi.com/Archives/1981/08/28/Two-teenagers-lifelong-friends-who-were-despondent-because-they/3295367819200/>. Acessado em: 05 jul 2024.

repudiada por ela. A redução massiva do gasto público foi anunciada em todos os ramos do governo, exceto a polícia, defesa e o *National Health Service*, que não ficou livre da mentalidade empresarial pregada pelo neoliberalismo. Assim,

as despesas com habitação e governo local foram duramente atingidas, e a educação sofreu cortes menores. Também foram feitas reduções nos subsídios às indústrias nacionalizadas, o que levou a mais desemprego. O aumento dos custos de pensões, seguro-desemprego e outros pagamentos de seguridade social consumiu as economias que foram feitas (REITAN, 2003, p. 47, tradução nossa).

A implementação de uma economia de livre-mercado e um governo despreocupado com a qualidade de vida de sua população, como, de fato, foram os governos de Margaret Thatcher, deixaram marcas na população mais jovem. Segundo Robert Reiner (2004):

Os aumentos nos níveis de crimes registrados aceleraram-se mais tarde, em meados dos anos 1970, em decorrência das alterações fundamentais na economia política, representadas pela retomada da livre economia de mercado e mercados globalizados cada vez mais desregulados. Uma consequência clara disso tem sido o crescimento rápido da desigualdade e da extrema polarização socioeconômica. A parcela da renda nacional da metade da população de mais baixa renda britânica caiu de um terço a um quarto, entre 1979 e o início dos anos 1990 (Comission on Social Justice, 1994, p. 29). No mesmo período, a proporção de crianças com menos de 18 anos vivendo em lares com renda baixa abaixo da linha oficial de pobreza subiu de 10% para um terço [sic] (REINER, 2004, p. 284, tradução nossa).

Esse fator dialoga diretamente com o personagem do Juiz Dredd uma vez que o aumento da criminalidade e pobreza estão diretamente ligados. Em setembro de 1981, cinco meses após a publicação de *Unamerican Graffiti* na revista *2000 A.D.*, foi publicado no jornal *Daily Star* uma tira chamada *Unemployment Riot*, datada de 12 de setembro do mesmo ano. Escrita por John Wagner e Alan Grant (2014), a história mostra uma marcha de desempregados que tomou as ruas de Mega-City Um.

Figura 7 – A marcha por empregos



Fonte: *The Daily Dredds*, 2014, p. 8.

Como podemos observar acima, a tira seguiu o argumento narrativo de que a megalópole estava com 87% de sua população desempregada. Assim, no primeiro quadro, vemos vários cidadãos com cartazes e gritaram que queriam empregos: *Jobs or Death* (empregos ou morte), um claro sinal do desespero dessa população em sobreviver. No segundo quadro, a população gritou: “as malditas máquinas são as culpadas! Esmague todas elas!” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 8, tradução nossa).

No quarto quadro, podemos observar que Dredd disse aos cidadãos: “a cidade simpatiza com o seu problema – mas não posso deixar de infringir a lei! Vocês estão todos presos!”; e os manifestantes: “Dane-se a lei, Dredd! Queremos empregos e lutaremos pelos nossos direitos!” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 8, tradução nossa). Dredd afirmou que infratores não têm direitos e atirou contra os manifestantes. Nos quadros seguintes, o esquadrão para controle de multidões chegou e jogou *foam* (uma espuma para impedir protestos). Finalmente, no nono quadro, Dredd disse: “a sentença é um ano de trabalho forçado!” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 8, tradução nossa); e os manifestantes: “Trabalho forçado! Opa! Vamos trabalhar finalmente! Bom e velho Dredd! Ele é duro – mas é justo!” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 8, tradução nossa) e vemos que eles celebram a decisão.

Esse último diálogo mostra duas coisas: 1) o desespero da população de Mega-City é tamanho que mesmo sendo condenados ao trabalho forçado, eles ficam felizes e elogiam Dredd por sua atuação, como se estivessem confundindo a aplicação da lei com misericórdia; 2) Isso revela a inaptidão do Departamento de Justiça em elaborar políticas públicas que mitiguem a

falta de trabalho da população, da mesma maneira que as políticas neoliberais ignoram o público e o social, focando nos indivíduos que fizeram as “escolhas certas”. Porém, mesmo que fosse sua tarefa fazê-lo, o ócio é a causa da criminalidade na cidade, sendo assim, os culpados são os cidadãos.

Sobre essa questão do indivíduo no neoliberalismo, o prog #0342 – *The Suspect*, publicado em novembro de 1983, é bem interessante. Na história, Dredd suspeitou da má conduta de John Kilroy e o levou para interrogatório, procurando fazer tudo ao alcance da lei para pegá-lo. O motivo de estar lá, segundo Dredd, era ganhar 12 mil créditos por ano e gastar 30 mil; indagando o homem se havia roubado para conseguir todo aquele dinheiro. Porém, o detector de mentiras diz que ele falava a verdade. Dredd, também, supôs falsificação, chantagem ou apostas, mas nada bate com o detector de mentiras. Dessa forma, Dredd cobriu todos os crimes prescritos no código de leis de Mega-City Um e o Kilroy não se encaixou em nenhum. Dredd não ficou satisfeito de não ter conseguido prendê-lo e ordenou para que o vigiassem. No dia seguinte, o juiz descobriu que o homem John Kilroy Henders trabalhava em uma loja como “manequim”; após às 18h ele era garçom usando um nome falso de “Martin Singlepenny” (que em inglês tem o duplo sentido de “Um único centavo”); e após às 01h da manhã, era testador de camas com o nome falso de “Hugo Huxley” (sobrenome do autor de ficção científica Aldous Huxley, que escreveu Admirável Mundo Novo).

Figura 8 – A ofensa: ter mais de um emprego

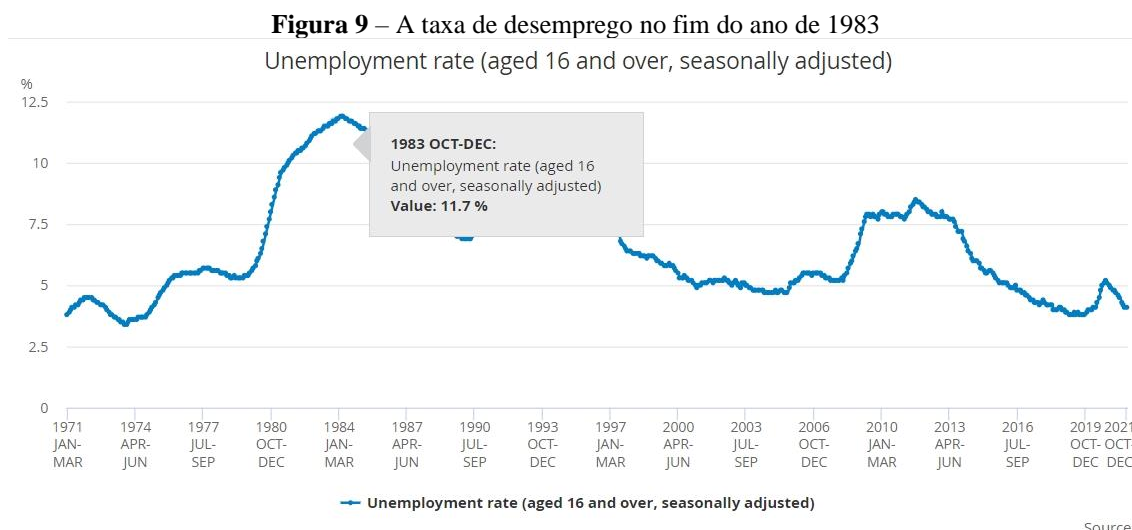


Fonte: 2000 A.D., Prog #0342, 1983, p. 8-9.

Na acima, podemos observar que Kilroy possuía mais de um trabalho. Sob identidades diferentes, Kilroy conseguiu arrumar empregos em partes distintas da cidade, algo que em *Mega-City Um* é considerado um crime sério, pois estaria tirando a oportunidade de outras pessoas. Dredd por sua vez foi à casa do homem e o chamou pelo seu verdadeiro nome: Henders, assim como os dois nomes falsos. Segundo o juiz, “seu egoísmo negou a dois outros cidadãos a chance de emprego. Por que você fez isso, Henders?”; e o homem disse: “E-eu adoro trabalhar, eu acho. Eu sei que estava errado, mas não pude evitar. Estou pedindo que dois empregos de fim de semana sejam levados em consideração” (WAGNER; GRANT, 1983, 9, tradução nossa). Pensando consigo, Dredd entende que o trabalho de testador de camas seria para cobrir seu sono, mas o que não estava entendendo era como ele arrumava tempo para gastar 30 mil por mês.

O prog #0342 – *The Suspect* apresenta um cidadão tão determinado a trabalhar que na verdade mantém vários empregos, o que é um crime em uma cidade onde o emprego é tão valioso. Um dos motivos de ter sido preso por Dredd foi o fato de ter gastado mais dinheiro do que havia ganhado. Em boa medida, essa história é sobre como o desemprego destrói a identidade de um indivíduo e como os cidadãos compensam isso. Dessa forma, há dois fatores para explorar aqui: 1) a cultura empresarial estadunidense que encoraja as pessoas a terem mais de um emprego, afinal Juiz Dredd e seu universo são, em boa medida, uma crítica ao estilo de

vida estadunidense; 2) o reflexo do que era realmente a taxa de desemprego dos anos 1980. Tornar um criminoso quem tem mais de um emprego é um jeito bem original que os autores arranjaram para demonstrar a gravidade da situação neste momento.



Fonte: Office for National Statistics⁵.

Em uma matéria publicada pela BBC em 26 de janeiro de 1982, por exemplo, foi dito que o Reino Unido havia alcançado a marca de três milhões de desempregados, algo que não acontecia desde os anos 1930. Segundo a matéria, “o total oficial de desempregados, anunciado hoje, é de 3.070.621. Isso significa que uma em cada oito pessoas está desempregada” (BBC, 1982, tradução nossa)⁶. Como é possível observar no gráfico acima, não só o desemprego estava em ascensão, como entre os meses de outubro e dezembro de 1983, período que coincide com a publicação do prog #0342 – *The Suspect*, a taxa de desemprego era de 11.7%, ou seja, os autores abordaram o tema seguindo a tendência da época.

⁵ Fonte: Office for National Statistics. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/peoplenotinwork/unemployment/timeseries/mgsx/lms>. Acessado em: 10 mar. 2022.

⁶ Fonte: 1982: UK unemployment tops three million. BBC News, 1982. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/january/26/newsid_2506000/2506335.stm. Acessado em: 10 de mar. de 2022.

Figura 10 – The Bachelor of Unemployment



Fonte: *The Daily Dredds*, p. 35.

Junto do prog *The Suspect* e a forma como o desemprego destrói a identidade individual, temos a tira *B.U.*, publicada em 20 de março de 1982. Na trama, John Wagner e Alan Grant (2014) mostraram que Dredd encontrou um cidadão que lhe contou uma história: segundo Dredd, existia um homem que era *Bachelor of Unemployment* (Bacharel em Desemprego, em português), alguém qualificado para tomar lugar na administração do desemprego. Sem conseguir um emprego, ele mudou de rosto e passou a matar pessoas para ocupar seus empregos.

Como dito pelo robô no quarto quadro, a situação de *Mega-City Um* não estava boa. Uma pessoa levava até 22 anos para conseguir uma nova vaga. Assim, o professor robô da universidade sugeriu que o rapaz fosse desempregado. A tira carrega uma crítica ao mercado de trabalho, demonstrando que as pessoas que passam anos estudando e se graduam em uma área de trabalho, acabam nunca exercendo sua profissão por conta da alta taxa de desempregados. Como Chuch, o personagem, diz no sexto quadro: “Três meses que desperdicei naquela universidade fedida! Três meses sólidos conectados a um curso – para nada! Eu vou mostrar a eles! Eu vou conseguir um emprego um jeito ou de outro!” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 35, tradução nossa).

Não deixa de ser curioso a ironia dos autores em mostrar alguém formado em administração de desemprego acabar desempregado, juntamente com o fato da substituição de um professor humano por um robô, algo que denota a precarização do ensino, das situações de

trabalho e para a destruição do senso crítico no sistema dos juízes. Com isso, os autores procuraram levar às páginas do jornal uma preocupação de muitos britânicos e, em certa medida, muitos estadunidenses.

Outros progs, como o #0416-418 – *Sunday Night Fever*, publicados em maio de 1985, seguimos a noite de domingo de Dredd. Na história, havia o boato de uma única vaga de emprego livre e isso leva a uma multidão enfurecida, milhares de mortes e o pânico em massa. A história dá início com uma mulher que agrediu um homem até a morte dizendo que ele roubou seu emprego. Quando uma vaga de emprego está aberta, a notícia se espalha rápido por Mega-City, ocorrendo o que os juízes chamam de *Job Riot* (Revolta de Trabalho, em português). Após ela falar que foi um acidente, outras pessoas se perguntam se eles sabem o que isso significa: o óbvio significado seria uma vaga de emprego livre.

Figura 11 – Job Riot/ “Trabalhismo não está funcionando”. Poster do Partido Conservador para a eleição de 1979

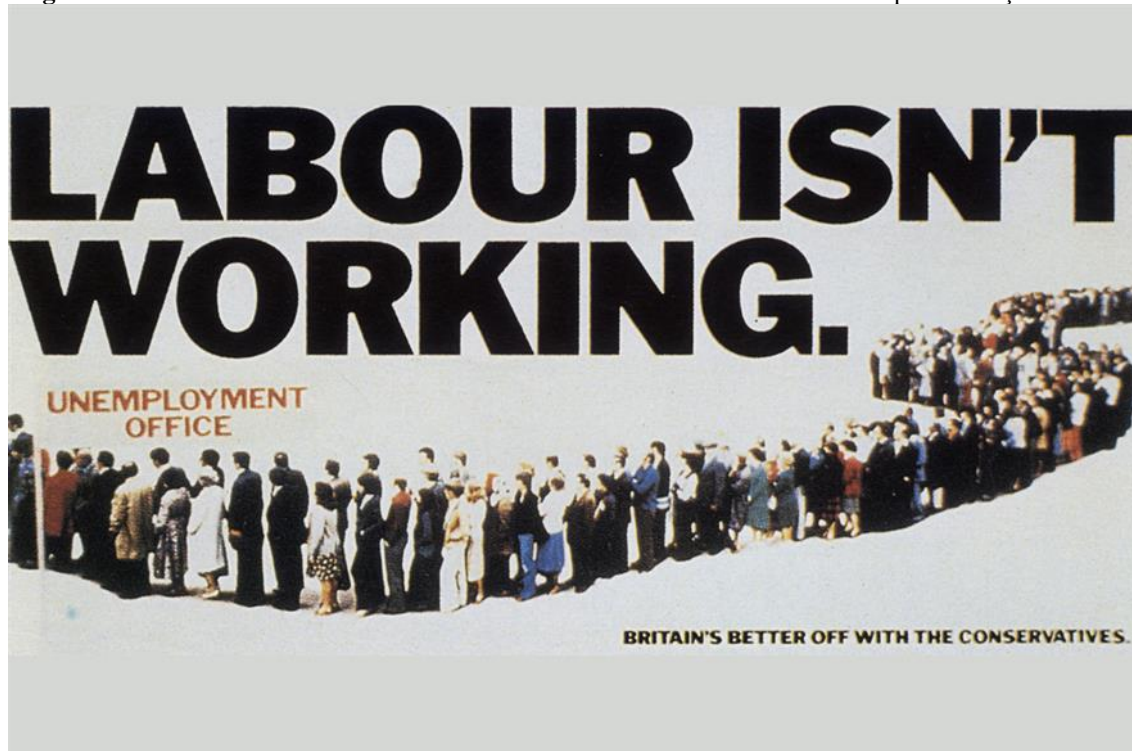


Fonte: Prog #0417, 1985, p. 19.

Como podemos observar pela imagem acima, os rumores de que um emprego estaria vago corre rapidamente pela cidade, atraindo milhares em uma fila gigantesca. Aliás, durante a eleição de 1979, o Partido Conservador encomendou posters de propaganda de uma companhia de anúncios chamada *Saatchi & Saatchi*. Não deixa de ser curioso que durante a campanha, a

empresa “focou nas principais questões trabalhistas de saúde, educação e desemprego, com os slogans ‘A Grã-Bretanha não está melhorando’, ‘Educação não está funcionando’ e – o mais famoso – ‘O Trabalhismo não está funcionando’” [sic] (TURNER, 2013, p. 295)⁷.

Figura 12 – “Trabalhismo não está funcionando”. Poster do Partido Conservador para a eleição de 1979



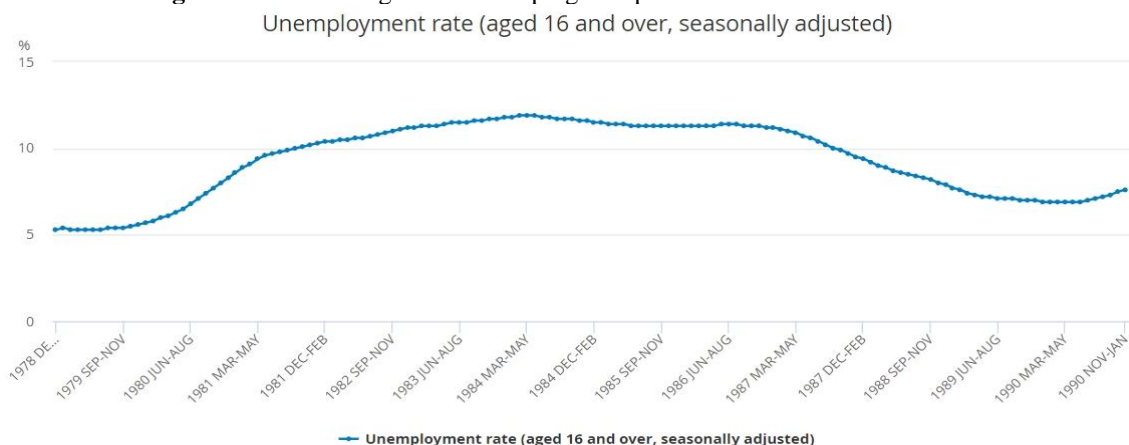
Fonte: Campaign⁸.

Como na imagem acima, segundo Turner (2013), mostra na verdade membros dos *Hendon Young Conservatives*, porém, coloca-os na fila para o escritório de desemprego e os dizeres: “O Trabalhismo não está funcionando. O Reino Unido está melhor com os conservadores”. Apesar de ser criado anos antes do prog #0416-418 – *Sunday Night Fever*, o poster acima ilustra bem a situação: embora tenha sido usado para desacreditar o governo Trabalhista quanto a questão do desemprego, as filas quilométricas de desempregados ainda se mantiveram durante o governo Thatcher.

⁷ Optamos por traduzir “Educashun” como “Educação”, de modo a deixar claro a ironia presente na propaganda política Conservadora. Assim, no original: focused on the key Labour issues of health, education and unemployment, with the slogans ‘Britain isn’t getting any better’, ‘Educashun isn’t working’ and – most famously – ‘Labour isn’t working’.

⁸ Campaign: History of Advertising No 90: ‘Labour isn’t working’ poster. Disponível em: <https://www.campaignlive.co.uk/article/history-advertising-no-90-labour-isnt-working-poster/1281255>. Acessado em: 14 de mar. de 2022.

Figura 13 – Porcentagem de desempregados por mês durante a década de 1980



Fonte: Office for National Statistics⁹.

Conhecidos como Maggie’s Millions (os milhões de Maggie, em português), as políticas econômicas de Thatcher criaram uma legião de desempregados que cresceu na primeira metade da década de 1980. Assim, John Wagner e Alan Grant (1985) procuram demonstrar como o desemprego aumentou naquele período. Segundo Reitan (2003), a cultura empresarial fruto da introdução de uma economia de mercado, foi impactante para certos setores econômicos do Reino Unido. O resultado disso, segundo o autor, “foi o contínuo alto desemprego, que atingiu uma média de 3,1 milhões de 1983 a 1986. O ponto alto foi 1986, quando atingiu o pico de 3,3 milhões, a maioria dos desempregados vindo da indústria manufatureira” (REITAN, 2003, p. 73, tradução nossa). Como podemos observar acima, durante todo o governo de Margaret Thatcher o desemprego permaneceu presente na vida diária da população britânica, estabilizando apenas nos seis primeiros meses de 1987. Isso pode ser observado, também, no impacto que a política econômica teve sobre a economia britânica.

Não obstante, a tira em duas partes intitulada *Job Vacancy*, escrita por John Wagner e Alan Grant (2014) e datada de janeiro de 1985, trata sobre essas revoltas. Similar à *Unemployment Riot*, a parte um da tira mostra Dredd observando uma multidão e descobre que estão em uma fila para se candidatar para uma vaga de emprego.

⁹ Fonte: Office for National Statistics. Disponível em: <https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/peoplenotinwork/unemployment/timeseries/mgsx/lms>. Acesso em: 10 mar. 2022.



Figura 14 – Job Vacancy, Parte 1



Fonte: The Daily Dredds, p. 178.

Como podemos observar acima, a situação estava um caos e milhões de pessoas estão reunidas a espera de uma vaga para trabalhar. Vemos Dredd confuso por ver uma multidão; preocupado após descobrir que é uma fila para emprego. Imediatamente ele pede o Departamento de Justiça para mandar esquadrões de controle de multidão e *meat wagons* [veículos para recolher corpos] para o local, sabendo que as coisas saíam do controle. Segundo os autores, “com 90 por cento dos habitantes da Mega-City Um desempregados, qualquer vaga de emprego é uma dinamite em potencial. Quando Dredd chega, a fila já tem um milhão de pessoas” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 178, tradução nossa). Nos quadros seguintes, vemos que um distúrbio estoura e as pessoas passam a agredir umas as outras. No 6º quadro, por exemplo um homem mata um outro e afirmou: “Você não vai pegar o meu trabalho, Bimbo!” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 178, tradução nossa).

Figura 15 – Job Vacancy, Parte 2



Fonte: The Daily Dredds, p. 179.

Na segunda parte, o primeiro quadro mostra os esquadrões para controle de manifestação chegando e imobilizam a multidão, semelhante as cenas de milhares policiais nas ruas do Reino Unido contendo manifestantes furiosos. Aqui é que a tira fica curiosa: como podemos observar pelo segundo quadro, Dredd invade o escritório do contratante para pegá-lo. Assim, o juiz pergunta ao homem: “ninguém nunca lhe disse que as vagas de emprego precisam passar pelos canais [oficiais do governo]?” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 179, tradução nossa); já o contratante diz: “cl-claro! Mas ... bem ... eu pensei que deveríamos simplesmente eliminar toda aquela burocracia” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 179, tradução nossa). Dredd, por sua vez, diz: “olha só! Eles estão lutando lá! Tivemos doze fatalidades até agora – o tráfego paralisou seis quilômetros em todas as direções – tudo porque você queria cortar a burocracia!” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 179, tradução nossa).

O fato de afirmar que essa tira é curiosa reside no fato de que Dredd pune o empregador, algo que difere do padrão neoliberal. Porém, é importante notar que o fato do contratante afirmar que quis cortar a burocracia em não avisar o Departamento de Justiça evidencia uma crítica ao sistema neoliberal de destruição do Estado. O desprezo dos neoliberais pela burocracia causou milhares de mortes. Segundo Harvey (2011), o Estado neoliberal na teoria deve ancorar-se nos contratos, no qual “o arcabouço legal disso são obrigações contratuais livremente negociadas entre indivíduos juridicamente configurados no âmbito do mercado. A

santidade dos contratos e o direito individual à liberdade de ação, de expressão e de escolha têm de ser protegidos” (HARVEY, 2011, p. 75).

Por fim, como é característico nas histórias de Juiz Dredd, especialmente as tiras de jornal, é a mensagem final. Diferentemente dos progs, em que o espaço é maior e as histórias podem ser desenvolvidas melhor, no caso das tiras a mensagem é mais enfática porque seu tamanho limita um desenvolvimento maior, focando na mensagem final; e porque é uma história que foi para um jornal, portanto, o alcance de outros públicos era maior. Assim, como podemos observar na figura 15, ao verem que Dredd prendeu o contratante, alguém disse: “Veja! Dredd prendeu o gerente de pessoal! Isso significa que há dois trabalhos livres! Oh dia feliz!” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 179, tradução nossa), então vem a mensagem final da tira: “Departamento de Justiça no trabalho – reduzindo o desemprego de uma só vez” (WAGNER; GRANT, 2014, p. 179, tradução nossa) junto da cena de Dredd acompanhando o contratante preso. Dessa maneira, segundo Matthew T. Althouse (2001) os progs e as tiras que tratam de desemprego podem ser entendidos como

as massas poderiam ser ajudadas com a distribuição adequada de recursos, mas as más condições são generalizadas. As imagens em quadrinhos do desemprego e das terríveis circunstâncias econômicas ressoam com a afirmação liberal de que Thatcher não atendeu bem aos interesses do público. Enraizada no conservadorismo da primeira-ministra está a noção de que os políticos se preocupam apenas com decisões políticas de longo prazo, não com as preocupações cotidianas dos trabalhadores (ALTHOUSE, 2001, p. 2005, tradução nossa).

Em suma, com exceção dos progs e das tiras analisadas e as outras fontes mencionadas, o desemprego aparece com pouco foco durante a segunda metade da década de 1980. O tratamento satírico do desemprego passam a ganhar destaque quando Alan Grant se juntou à parceria de escrita de *TB Grover* [pseudônimo de ambos os autores], junto de Wagner. Grant descreveu a prática de trabalho dele e de Wagner como passar uma hora lendo os jornais pela manhã e vendo o que surgia como base para uma história, então não é de surpreender que tantas das tiras do início dos anos oitenta girassem em torno das vidas vazias de cidadãos desempregados. Uma vez que chegamos ao final dos anos 1980, a questão do desemprego se tornou uma preocupação menos urgente na mídia (para não mencionar, também, que Wagner e Grant encerraram sua parceria de escrita). Dessa forma, o tema do desemprego e suas frustrações não são mais o foco das histórias no universo de Juiz Dredd, embora todos ainda estejam desempregados em Mega-City Um.

Considerações finais

Como observado, as políticas neoliberais empregadas por Thatcher para conter a inflação no Reino Unido, esta que foi e ainda é vista pelos economistas da ortodoxia neoliberal como o inimigo da governança econômica, tem uma relação direta com o aumento do número de desempregados no país e isso pode ser observado nas representações em Juiz Dredd. Podemos nos questionar, contudo, sobre a relação entre esse discurso, a visão econômica colocada na prática e o personagem do Juiz Dredd. É importante ter em mente que o personagem é uma sátira de tempos conturbados. John Wagner e Alan Grant recorreram à ficção científica para explicar situações do mundo que eram difíceis de serem abordadas diretamente caso as histórias não tivessem esse recurso narrativo. Segundo Barbara Wall (Apud LITTLE, 2010), uma história pode ter dois modos: o modo único, direcionado especificamente para um público, sejam crianças ou adultos; e o modo duplo, este direcionado tanto para crianças ou adultos em diferentes momentos ao longo do texto. Assim:

Uma das mudanças fundamentais em 2000AD foi sua crescente adoção do modo duplo. Diferente de *Action*¹⁰ que, apesar de sua consciência política foi muito focada no seu público-alvo, 2000AD começou a se envolver em narrativas que, embora internamente lógico para qualquer leitor de dez anos de idade, seria apimentado com referências que fazem sentido para um público muito mais adulto. Modo duplo se tornou o modo primário do quadrinho e deu aos escritores e artistas uma estrutura para explorar cada vez mais problemas complexos em um estilo que não alienava leitores mais novos (LITTLE, 2010, p. 146, tradução nossa).

Isso explica algumas histórias de Dredd em que ele luta contra dinossauros gigantes ou alienígenas, ao mesmo tempo que reprime movimentos pró-democracia ou ataca violentamente qualquer cidadão que cometa um crime. Afinal, segundo Adam Roberts (2000), “SF [ficção científica] não nos projeta para o futuro: relaciona-nos com histórias sobre o nosso presente” (ROBERTS, 2000, p. 35, tradução nossa). Em uma entrevista à BBC, Alan Grant disse que

muitas das histórias que escrevemos foram tiradas das manchetes dos jornais. Nós apenas colocamos um toque futurista neles. Havia problemas sociais genuínos, particularmente desde os dias de Thatcher. Era óbvio para nós que o Reino Unido e o mundo inteiro estavam se transformando em uma sociedade de direita (GRANT; ROHRER, 2007, tradução nossa).

¹⁰ *Action* foi um periódico em quadrinhos criado e editorado por Pat Mills, o responsável por, também, criar editoriar a revista 2000AD. Foi encerrado após uma polêmica nacional que insinuou em sua capa uma agressão à um policial por crianças em um mundo pós-apocalíptico.

Em uma entrevista citada por Little (2010), Pat Mills, o editor e criador da revista *2000 A.D.*, disse: “Histórias de ficção científica eram menos ofensivas para os críticos na direita que não podiam ver o quão político eram. Eles falharam em creditar os quadrinhos com suficiente sofisticação para ver que os ambientes fantásticos eram alegorias para a sociedade em mudança dos anos 1980” (LITTLE, 2010, p. 146, tradução nossa). Portanto, segundo o autor, a ficção científica em *2000 A.D.* pode ser vista como secundária para o conteúdo político: era apenas um modo de evitar a censura. Em outras palavras, baseado nessa ideia que os roteiristas da revista utilizavam desse recurso narrativo.

Referências

- 1982: *UK unemployment tops three million*. *BBC News*, 1982. Disponível em: http://news.bbc.co.uk/onthisday/hi/dates/stories/january/26/newsid_2506000/2506335.stm. Acesso em: 10 mar. 2022.
- ALTHOUSE, Matthew T. Kevlar Armor, Heat-Seeking Bullets and Social Order: A Mythological Reading of Judge Dredd. In: MCALLISTER, Matthew P.; MILLER, Toby; SEWELL JR, Edward H.; GORDON, Ian (ed.). *Comics & Ideology*. Nova York: Peter Lang Inc., 2001. p. 195–219.
- BECKETT, Andy. **When the Lights went Out**: What Really Happened to Britain in the Seventies. Reino Unido: Faber and Faber, 2009. 576 p.
- BROWN, Wendy. **Nas Ruínas do Neoliberalismo**. São Paulo: Politeia, 2019.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.
- DAPIN, Mark. Living under the rule of the Iron Lady. In: **The Sydney Morning Herald**. Sydney, Austrália, 13 abr. 2013. Disponível em: <https://www.smh.com.au/opinion/living-under-the-rule-of-the-iron-lady-20130412-2hqt.html> . Acesso em: 11 mar. 2022.
- DENMAN, James; MCDONALD, Paul. Unemployment statistics from 1881 to the present day. **Labour Market Trends**, Reino Unido, ano 15-18, v. 104, p. 5-18, 1 jan. 1996. Disponível em: <https://escoe-website.s3.amazonaws.com/wp-content/uploads/2018/10/17145130/Denman-and-Macdonald-LMT-1996-Unemployment-Statistics-from-1881-to-the-present-day.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2022.
- HARVEY, David. **O Neoliberalismo**: História e Implicações. 2. ed. São Paulo, Brasil: Edições Loyola, 2011.
- HARRISON, Paul. **Inside the Inner City**: life under the cutting edge. Londres, Reino Unido: Penguin Books, 1983.
- HOBSBAWM, Eric: **A Era dos Extremos**. São Paulo: Companhia das Letras. 1995.
- LEAKER, Debra. Employment and labour market: Unemployment. In: **Unemployment rate**: (aged 16 and over, seasonally adjusted). [S. l.]: Office for National Statistics, 15 fev. 2022.

Disponível em:

<https://www.ons.gov.uk/employmentandlabourmarket/peoplenotinwork/unemployment/timeseries/mgsx/lms>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LITTLE, Ben. 2000AD: Understanding the ‘British Invasion’ of American Comics.. In: BERNINGER, Mark; ECKE, Jochen; HARBERKORN, Gideon (ed.). **Comics as a Nexus of Cultures**: Essays on the Interplay of Media, Disciplines and International Perspectives. Jefferson, Carolina do Norte: McFarland & Company, 2010. p. 140–152. ISBN 978-0-7864-3987-4.

REINER, Robert. **A Política da Polícia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004

REITAN, Earl A. **The Thatcher Revolution**: Margaret Thatcher, John Major, Tony Blair, and the Transformation of Modern Britain, 1979-2001. Oxford: Rowman & Littlefield Publishers, 2003.

ROBERTS, Adam. **Science Fiction**. London and New York: Routledge, 2000.

ROHRER, Finlo. 30 years of the future. **BBC News Magazine**, Reino Unido, 26 fev. 2007. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/magazine/6390731.stm>. Acesso em: 10 mar. 2022.

TURNER, Alwyn W. **Crisis? What Crisis?**: Britain in the 70s. 2. ed. rev. Reino Unido: Aurum, 2013. E-book.

TURNER, Alwyn W. **Rejoice, Rejoice!**: Britain in the 1980s. 2. ed. Reino Unido: Aurum Press, 2010.

UNITED KINGDOM. **Shadow Cabinet**. Our Tone of Voice and Our Tasks. Keith Joseph. 7 December 1976. London. Disponível em: <http://www.margarethatcher.org/document/8F453C2A251C48D09B4C1401F8A0BF46.pdf>.

WAGNER, J. et al. **Judge Dredd**: the Daily Dredds 1981-1986. Oxford: Rebellion. Vol. 01, 2014.

WAGNER, J. et al. **2000AD**. Reino Unido: IPC, 1978-1982. Quinzenal.

Recebido em: 17 de junho de 2024

Aceito em: 8 de setembro de 2024
